

# Carmelita apóia saída de Auschwitz

ROCCO MORABITO  
Correspondente

**CIDADE DO VATICANO** — Começam a surgir indícios de uma solução para o caso das 14 irmãs carmelitas descalças que se estabeleceram em 1984 em Auschwitz, num antigo teatro utilizado pelos nazistas como depósito de gás. Com o respaldo dos primaz da Polónia, cardeal Josef Glemp, as freiras se negam a sair do local, mas agora a situação começa a mudar.

Glemp reuniu-se no sábado em Varsóvia com Zygmunt Nissenbaum, presidente da Fundação para Restauração dos Monumentos Judeus na Polónia: eles acertaram a formação de uma comissão de especialistas que estabelecerá formas concretas de encaminhar um acor-

do já celebrado sobre a questão. Qualquer que seja o resultado a que a comissão chegar, uma coisa já é certa: foi dado um passo atrás no diálogo cristãos-judeus, iniciado pelo papa João XXIII, que chegou a um momento significativo com a visita de João Paulo II à sinagoga de Roma.

Com toda probabilidade as carmelitas serão transferidas para um outro local, distante 500 metros do atual convento, fora dos limites do campo. Mas essa mudança enfrenta enormes obstáculos. O maior deles é a "posse espiritual" de Auschwitz, onde morreram judeus e poloneses.

Até agora a reação do Vaticano nessa questão tem sido de cautela. O cardeal Johannes Willebrands e o padre Pierre Duprey, presidente e vice-presidente da Comissão para o Diálogo

com os Judeus, preferem não se pronunciar. O papa até agora também não disse uma palavra sobre o convento. No entanto, é possível que ele tenha interferido junto a Glemp, que saiu de suas rígidas posições iniciais para uma atitude mais conciliatória.

Esse silêncio do papa, no entanto, foi interpretado desfavoravelmente pelos judeus. O prêmio Nobel da Paz, Elie Wiesel, mostrou-se espantado com a atitude reticente de João Paulo II, que sempre foi tão eloquente e corajoso quanto aos assuntos sociais mas acusou os judeus de terem traído a aliança com Deus. Wiesel diz que, apesar de Wojtyla, Glemp e das carmelitas, "é preciso fazer todo o esforço para continuar o diálogo".

## REZAR

O padre Felipe Sainz de Bu-

randa, superior-geral da Ordem Carmelita, disse ao Estado: "Não me oponho à mudança do convento para um local próximo de onde se encontra". Ele observa, contudo, que no caso do convento de Auschwitz a questão é mais complexa, pois as irmãs estão sob a jurisdição do arcebispo de Cracóvia, cardeal Macharski, e do padre provincial da ordem das carmelitas. Ambos são poloneses. "Mas o importante é rezar, poder rezar", disse Buranda.

Essa é a mesma posição da irmã Maria Eletta, superiora carmelita do convento de Rappallo, um dos mais importantes da Itália. "O importante é a oração. As carmelitas de Auschwitz rezam por todos os mortos, cristãos e judeus", diz Maria Eletta. E cita as palavras de João XXIII: "Devemos procurar o que nos une e não o que divide".

## No Brasil, sobreviventes não esquecem

Judeus querem que o campo de extermínio permaneça intocado: como um símbolo

LINA DE ALBUQUERQUE

O ar estava impregnado por uma fumaça negra de cheiro insuportável. Um cheiro de carne e ossos queimados. "Vocês estão em Auschwitz, o maior campo de concentração do mundo", gritou um funcionário. "Daqui só se sai pela chaminé." O eco dessas palavras não silenciou na memória do escritor e jornalista Ben Abraham, 65 anos. Nasceu na cidade polonesa de Lodz e descendente de família judaica, Abraham passou cinco anos e meio confinado em sete campos de extermínio nazistas. Ele conseguiu sobreviver, mas sua mãe desapareceu numa câmara de gás num dia ignorado do mês de agosto de 1944.

Ben Abraham mudou-se para o Brasil em 1955, depois de perder todos os parentes na

Segunda Guerra. Casado, dois filhos e três netos, ele compõe hoje o coro de descendentes de judeus inconformados com a permanência das freiras carmelitas no convento instalado dentro do perímetro do antigo campo de extermínio. "Ninguém tem o direito de explorar essa tragédia para finalidades políticas e religiosas", critica. "A construção de um convento em Auschwitz equivaleria à montagem de uma sinagoga dentro do Coliseu romano que se prestou principalmente ao sacrifício de cristãos", compara ele, que é também coordenador no Brasil da Sherit Hapleita, associação dos sobreviventes do nazismo.

### COLISEU

Em Auschwitz morreram 4,2 milhões de pessoas, das quais se estima que aproximadamente três milhões fossem judeus. Um dos argumentos usados pelas autoridades católicas, a fim de justificar a permanência das carmelitas descalças no local, é justamente o fato de não terem si-

do exterminados ali apenas judeus. "No Coliseu da antiga Roma também foram jogados às feras elementos de outras nacionalidades, inclusive judeus", prossegue Abraham.

Para ele, nem mesmo os judeus têm o direito de erguer um santuário em Auschwitz: ele precisa ser conservado exatamente como está e servir de advertência para que atrocidades dessa natureza não voltem a se repetir.

A opinião de Ben Abraham é compartilhada por Abrão Lowenthal, presidente no Brasil da Binai Brith, uma entidade que agrega 500 mil judeus no mundo. "A comunidade judaica está particularmente surpresa diante da atitude dos líderes católicos, que, embora se tenham comprometido a retirar o convento de lá em fevereiro, continuam até hoje no local", diz ele. Para Lowenthal, causa estranheza o fato de o episódio estar ocorrendo num momento de abertura política na Polónia: "Trata-se de uma contradição flagrante com o

propagado sopro de democracia no país".

Jaime Pinsky, escritor e professor titular de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), lembra que o anti-semitismo polonês é historicamente até superior ao alemão. Os judeus — tradicionalmente comerciantes, corretores de impostos e administradores — desempenhavam todo o "trabalho sujo" da nobreza, assinala Pinsky. Por isso, além de perseguidos pela Igreja, eram sempre vítimas da comunidade. "Entre os opressores e os oprimidos, o judeu funcionava como o amortecedor da carga do automóvel: levava choque tanto de baixo como de cima", compara. Para Pinsky, a palavra "Auschwitz" possui muita força no imaginário coletivo do povo judeu: "Quando pronunciada, ela tem um tremendo poder desencadeador de emoção, principalmente entre os mais velhos. Ela é símbolo de um terço dos judeus mortos na Segunda Guerra Mundial".



Lois Luppi/AB

Ben Abraham, sobrevivente: "O convento em Auschwitz equivale a uma sinagoga no Coliseu"